

É nessas reuniões que a família expressa sua identidade, comenta seus feitos mais valorosos e ri de suas gafes

Fim de ano em família



A família já mudou bastante e, pelo jeito, ainda mudará muito mais. Digamos que a família vive um momento de transição: não é mais o que já foi e, talvez, ainda não tenha se tornado o que poderá ser. Conhecemos, hoje, várias configurações familiares. A família que nos acostumamos a chamar de tradicional e estruturada, aquela típica da década de 50 -pai que trabalha, mãe que fica cuidando da casa, morando juntos e com os filhos nascidos apenas desse casamento-, hoje é modo de viver de um reduzido grupo de pessoas.

Mas não foi apenas a configuração do grupo familiar que mudou: o modo de viver da família e os papéis familiares têm mudado também. É comum ouvirmos, hoje, lamentos sobre a família: fala-se muito em perda de valores e em famílias desestruturadas.

Ocorre que toda família tem, sim, seus valores. O que acontece é que os valores não são mais socialmente compartilhados, e essa é uma questão bem complexa.

O que lamentamos, portanto, tem mais a ver com mudanças sociais -entre elas, a emancipação feminina- que têm alterado radicalmente a vida em família. Esta, portanto, ocupa mais um papel de tentar se adaptar às mudanças sociais que a assaltam do que o de ser agente delas.

Como ainda estamos construindo nossas referências a respeito dessa nova realidade familiar e de nosso modo de se relacionar com ela, algumas situações criam desconforto e conflitos.

Com a aproximação das festas de fim de ano, em que é comum as famílias se reunirem para conagração, um problema quase novo preocupa os pais separados: com quem o filho deve ficar nesse período?

Antes de comentar essa questão em particular, quero ressaltar o quanto é importante, para crianças e jovens, a participação nessas reuniões, inclusive nos momentos em que elas se transformam em conflito. Afinal, como reunir uma família sem deixar que os conflitos venham à tona, não é verdade? É nessas reuniões que a família expressa sua identidade, comenta seus feitos mais valorosos e ri de suas gafes e de seus fracassos; é nesse momento que a família coloca na mesa sua identidade, o que permite a reafirmação da identificação dos mais novos e do vínculo de pertencimento àquele grupo. Mesmo na hora das brigas, quando elas ocorrem, as pessoas aprendem que os laços afetivos não são apenas amorosos, são raivosos também.

Mas é possível -e a reunião familiar ensina isso- odiar sem se destruir e/ou destruir o outro.

Voltemos aos filhos de pais separados. Caso o ex-casal tenha conseguido manter boas relações após a separação -fato não muito frequente ainda-, os filhos terão um grande privilégio: o de participar de reuniões de grupos familiares diferentes. Nada mais enriquecedor do que uma situação que permite aprender com a diversidade, afinal. Entretanto, o drama desses pais tem sido o de cada um olhar mais para os próprios interesses do que para os dos filhos.

Assim, em geral, um dos pais se acha no direito de ter a companhia dos filhos em determinada festa e/ou no direito também de prescindir dela por ter outros interesses pessoais. E aí começa o confronto do casal, que não passa despercebido dos filhos, não.

Mesmo que todo o confronto e todas as batalhas ocorram na ausência dos filhos, eles sabem o que se passa.

Eles percebem com clareza que são instrumentos da disputa entre os pais, e não o interesse deles.

Quando um casal se separa, todos perdem algo, e essa perda nem deve ser camuflada, tampouco potencializada. Nas festas de fim de ano, pode acontecer de os filhos sofrerem ora com uma ausência, ora com outra. Entretanto, isso não é, em si, prejudicial ao desenvolvimento dos filhos. A vida é cheia de perdas e é preciso criar modos de superar o sofrimento delas decorrentes.

Pois essa pode ser uma boa ocasião para tanto. Para isso, os pais precisam ocupar seu lugar com responsabilidade e suportar a dor dos filhos sem usar subterfúgios tais como seduzir, por exemplo, o que sempre é viável nessa época de tantos presentes.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)

@>roselys@uol.com.br

(texto recebido de Lúcia - lista FEPCwww.edicoesgil.com.br)